

1º MAI 1996

1º de Maio

JORNAL DE BRASÍLIA

Antes de reclamar de um reajuste de 10% do salário mínimo, caberia uma reflexão a respeito da reversão da cultura inflacionária como o grande fato a ser comemorado neste 1º de Maio, Dia do Trabalho. Todos se recordam de que as elevadas taxas de inflação do passado devoravam o poder aquisitivo dos salários e forçavam reajustes nominalmente elevados mas pouco representativos de ganhos reais nos salários dos trabalhadores.

A realidade econômica do Brasil de hoje mudou muito e, sem dúvida, para melhor nesse aspecto de aumento real de poder de compra dos salários. Com preços de mercadorias da cesta básica estabilizados há um ano - alguns até em ligeira baixa - e com a moeda firme e estável, os salários foram efetivamente valorizados. Há estatísticas insuspeitas que mostram o crescimento verdadeiro do poder de compra, não as artificiais jogadas do passado, que davam um reajuste nominal elevado ao trabalhador, com uma das mãos, enquanto com a outra retirava-lhe o mesmo salário com uma perdidíssima inflação mensal.

O grande problema que ainda resta parece estar na eliminação completa da cultura inflacionária do passado. Lideranças sindicais e até muitos trabalhadores de boafé não se conformam com reajustes de 10%, quando estavam acostumados a 80, 90, 100. Isso mostra o quanto o Brasil já avançou em matéria de reversão de cultura, mas

também fica evidente que há muito o que percorrer. No ano passado, os salários nos Estados Unidos foram reajustados, em média, na base de 2 a 3% durante todo o ano. E nem por isso os trabalhadores americanos entraram em greve e nem fizeram protestos. É o caso de se perguntar que distância separa o Brasil do mundo desenvolvido, se um ajuste anual de 10%, em regime de baixa inflação mensal, é considerado por muitos como "uma ninharia".

Não se prega o conformismo com a passagem de um salário mínimo de R\$100,00 para R\$110,00, como se fosse uma vitória. O novo salário ainda é baixo e insuficiente em todos os aspectos. O que se censura é a mentalidade inflacionária que, infelizmente, ainda não foi inteiramente derrotada. O salário não subir pela mágica do decreto de reajuste mas pelo aumento da produção, da produtividade, da elevação técnica e educacional dos trabalhadores para um mundo cada vez mais competitivo em tudo - a começar de empregos e de salários. É por aí que passa o caminho da prosperidade econômica a que o Brasil tem o direito de aspirar; segundo palavras do papa Paulo VI, falecido há quase duas décadas, e que tinha pelo País um carinho especial. Não é um caminho fácil, mas é o único que deu certo nos demais países e ainda é o preferível ao retorno da orgia inflacionária que enganava os trabalhadores com altos reajustes de decepcionante alta do custo de vida.